

9. Marcadores digressivos do espanhol e a preservação da face na interação oral

Daniel Mazzaro
Paula da Costa Souza

0 Introdução

O presente capítulo pretende discutir o comportamento interacional em situações em que distúrbios ou perturbações comunicativas, como as digressões, aparecem e se relacionam com a face/fachada⁶⁵ do falante e/ou interlocutor. Em outras palavras, nosso objetivo é analisar a digressão e, mais especificamente, os marcadores de digressão, como estratégias que possibilitam ao falante realizar sua representação e definir sua situação de interação. Trata-se de uma análise empírica que está delimitada a digressores de língua espanhola tais como *a propósito*, *por cierto*, entre outros.

Para tanto, em um primeiro momento, discutiremos conceitos e definições de digressão, marcadores do discurso e digressores. Em seguida, trazemos ao debate a aplicação do conceito de face/fachada para a análise de digressões. Para a verificação das teorias expostas, serão observados dois *corpora* de conversação em língua espanhola: *Corpus Val.Es.Co*, disponível *online*, e *Corpus de Conversaciones Coloquiales* (BRIZ, 2002). Por se tratar de *corpora* orais, decidiu-se manter os símbolos⁶⁶ de transcrição, visto que estes podem agregar informações importantes tanto na análise da digressão quanto na construção da fachada dos (inter)locutores.

1 Digressão e digressores

A digressão é um fenômeno linguístico abordado desde os estudos retóricos da Antiguidade. Como aponta Mayoral (1994), trata-se de uma licença textual por adição, isto é, uma figura de pensamento que se integra por inserção em um lugar específico de um texto primário e que funciona, se não de todo alheia, pelo menos de caráter secundário ou inclusive marginal com respeito ao texto primário. Há uma tendência, ainda segundo

⁶⁵ Tendo em vista que o termo usado por Goffman em inglês é *face* e que, em algumas traduções para o português, aparecem tanto o termo *face* como *fachada*, utilizaremos os dois indistintamente.

⁶⁶ São estes: / pausa curta, inferior a meio segundo; // pausa entre meio e um segundo; /// pausa de um segundo ou mais; - reinício e autointerrupções sem pausa; ((termo)) transcrição duvidosa; (()) fragmento indecifrável; = manutenção do turno de um participante em uma sobreposição; [início de sobreposição;] fim de sobreposição; ↑ entonação ascendente; ↓ entonação descendente; → manutenção da entonação; § sucessão imediata, sem pausa, entre duas emissões de distintos interlocutores; TERMO pronúncia marcada ou enfática; °()° fragmento pronunciado com baixa intensidade ou próxima a um sussurro.

Mayoral (1994, p. 192-193), a se distinguem dois tipos dessa figura: os *parênteses*, que são breves, e as *digressões* propriamente ditas, que se caracterizam pela extensão. Neste último caso, menciona-se com frequência “a necessidade de empregar determinadas fórmulas, indicadoras tanto do começo como, sobretudo, do final ou retorno ao ‘fio do discurso’ interrompido, como: ‘voltando ao tema / ao caso / ao propósito anterior / ao primeiro / aonde estava etc.’”. Atente-se à seguinte situação comunicativa:

[1] *me iba a Barcelona cogía un coche me lo traía/ y eso en aquel tiempo/// ee me dejaba en un día/ estoy hablando- estoy hablando del año cincuenta y cuatro cincuenta y cinco/ cinco- hasta el año sesenta me duró eso/ pues// hacía esos viajes/ y me respetaban el sueldo* (PRESEEA, Entrevista 2 sociolecto bajo, p. 19)

No fragmento exposto, o raciocínio linear do interlocutor cede passo a uma breve digressão (o que, segundo Mayoral (1994), talvez seja entendido como *parênteses*), a qual, ao que parece, justifica-se pelo contexto interacional: a necessidade de situar os interlocutores-ouvintes no tempo da ação narrada. Dessa forma, o interlocutor-falante introduz uma informação nova utilizando a fórmula *hablando de (estoy hablando del año...)*. Ao satisfazer a necessidade apresentada, encerra a digressão marcando-a com a fórmula *pues*, recuperando, assim, o fio discursivo brevemente abandonado para a inserção da nova informação.

Os estudos atuais de tópico discursivo lançam mão dessa mesma ideia retórica. Considerando o tópico como uma projeção de possibilidades que um elemento textual desencadeia na subsequência desse mesmo texto (incluindo os turnos de uma conversação), a digressão seria uma descontinuidade, ou seja, uma perturbação da sequencialidade linear do tópico (JUBRAN, 2015).

Jubran (2015, p. 94-100) distingue três formas de descontinuidade:

1) *ruptura tópica*: caracterizada pela “introdução de um tópico na conversação, que não chega propriamente a se desenvolver, porque um dos interlocutores muda logo o foco para um outro tópico, e o que foi introduzido não reaparece depois no texto” (JUBRAN, 2015, p. 95);

2) *cisão de tópico*: que se caracteriza pela intercalação de outro(s) tópico(s), seja por *inserção* (como no esquema A-B-A, em que B interpola o tópico A e “pode ser recolocado e ganhar novos desdobramentos em outro ponto da conversação, ou pode permanecer em uma condição marginal dentro da organização tópica de um texto, constituindo-se como um tópico paralelo” (JUBRAN, 2015, p. 96)), seja por *alternância* (como no

esquema A-B-A-B, em que se promove “a interpolação, em um segmento tópico, de elementos não pertinentes a ele, de modo que esse segmento se torna descontínuo na linearidade do texto” (JUBRAN, 2015, p. 98), ou seja, trata-se de um revezamento entre dois tópicos;

3) *expansão tópica*: que “ocorre com o desenvolvimento pleno de dados colocados de passagem anteriormente na conversação, muitas vezes de forma parentética, sem que, nesse momento anterior, tenham constituído um segmento tópico específico” (JUBRAN, 2015, p. 99).

Nesse sentido, parece que a digressão poderia ser qualquer uma dessas formas de descontinuidade. Entretanto, retomando o que Mayoral (1994) observou nos estudos retóricos, a digressão propriamente parece resumir-se a uma cisão de tópico por inserção, algo parecido ao que Pons Bordería e Estellés (2009, p. 925 - tradução nossa) defendem ao afirmarem que a digressão “é um conceito estabelecido *a posteriori*: apenas depois de ter voltado à forma tópica pode-se dizer que uma digressão teve lugar”. Dessa forma, a digressão é ilustrada pelo esquema A-B-A, no qual o terceiro estágio é necessário, caso contrário, seria uma mudança de tópico (*topic shift*), como A-B-C ou A-B-Ø.

Entretanto, Koch (1990) vai um pouco mais além:

Se é verdade que as digressões não só não prejudicam a coerência da conversação, como também contribuem para estabelecer a coerência (já que a coerência, a meu ver, não está somente no texto, mas se constrói na interação entre o texto e seus usuários em cada situação concreta de comunicação [...]), parece-me que, na realidade, não tem sentido falar em digressão: bastaria que se modificasse a noção de tópico da conversação. (KOCH, 1990, p. 125)

Caso se considere o tópico conversacional como algo dinâmico e que vai se alterando ou deslocando a cada intervenção dos parceiros, as relevâncias em foco em determinado momento vão cedendo lugar paulatinamente ou a outros conjuntos de relevância que podem estar ligados a aspectos considerados antes como marginais do tópico em desenvolvimento, ou a novos conjuntos que vão sendo introduzidos a partir dos já existentes.

Nesse sentido, Koch (1990) propõe pensar que as digressões são, na verdade, “deslocamentos” naturais, muitas vezes necessários, do tópico da conversação, já que as sequências inseridas visam a clarificar ou corrigir algo e não costumam chegar a alterar o andamento do tópico em curso, “algo que, do contrário, poderia prejudicar a intercompreensão” (KOCH, 1990, p. 125).

De toda forma, como poderíamos explicar a existência de marcadores digressivos como *por cierto*, *a propósito*, *a todo esto*, *dicho sea de paso*, *dicho sea* e *entre paréntesis*⁶⁷? De fato, parte da bibliografia hispânica sobre marcadores discursivos (como MARTÍN ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999 e PORTOLÉS, 2001) considera os digressores como marcadores que permitem a criação de tópicos ao introduzirem um comentário lateral com respeito à planificação do discurso anterior. Embora os digressores introduzam um comentário que se distancia do assunto principal, este comentário se apresenta como pertinente e, geralmente, se relaciona com algum elemento do primeiro segmento.

Embora o conceito de marcador discursivo (doravante MD) não seja consensual – principalmente porque há outros termos que à primeira vista parecem ser seus sinônimos (e às vezes são tidos como tais), como é o caso de *conector* – há alguns estudos que se destacam na tentativa de descrever esses elementos. A obra *Discourse markers*, da pesquisadora Deborah Schiffrin (1987), por exemplo, talvez seja uma das principais a respeito do tema, pois nela se definem algumas das características dos MD, como a habilidade de marcar unidades sequencialmente dependentes do discurso e a impossibilidade de caberem facilmente em uma só classe linguística, já que eles podem incluir recursos paralinguísticos e gestos não verbais. Nesse sentido, os MD são sintaticamente separados de uma sentença, são comumente usados em posição inicial de um enunciado e têm uma série de contornos prosódicos, além de serem capazes de operar tanto em nível local como global do discurso e em diferentes planos discursivos.

De fato, estudos contemporâneos que também usam essa nomenclatura⁶⁸ costumam coincidir com algumas dessas caracterizações. Para não nos estendermos no debate, citamos a definição de Portolés (2001, p. 25):

Os *marcadores do discurso* são unidades linguísticas invariáveis, não exercem uma função sintática no âmbito da predicação oracional e possuem um papel coincidente no discurso: o de guiar, de acordo com suas diferentes propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas, as inferências que se realizam na comunicação.

⁶⁷ Ilustramos apenas com a língua espanhola dado o recorte teórico e analítico de nosso trabalho, mas poderíamos incluir alguns de língua portuguesa, como *aliás*, *a propósito*, *inclusive*, *diga-se de passagem*, entre outros.

⁶⁸ Citamos, por ora, as duas obras que usaremos como base de nossa pesquisa neste trabalho: trata-se do capítulo *Los marcadores del discurso*, de Martín Zorraquino e Portolés (1999) para a *Gramática descriptiva de la lengua española*, e o livro *Marcadores del discurso*, de Portolés (2001 [1998]). Entretanto, outras obras, também de língua espanhola, recorrem a essa nomenclatura, embora às vezes não a debatam, como Cortés e Camacho (2005), a qual igualmente utilizamos neste trabalho.

Estamos falando, nesse contexto, de elementos que normalmente se apresentam como lexicalizados/gramaticalizados⁶⁹ e que constituem unidades entonativas próprias, o que na escrita costumam vir sinalizadas mediante pontuação e, em alguns casos, indicam uma relativa mobilidade.

Da definição dada por Portolés (2001), é relevante destacar o que se considera como função desses elementos, que é guiar as inferências, e isso significa que, em geral, seu uso não é imprescindível. A pesquisadora suíça Corinne Rossari (1999, 2000), ao reivindicar uma abordagem semântica para que se sobressaíam as características estáveis do potencial semântico dos MD e suas aptidões para exercer restrições estabelecidas pelo próprio código sobre o ambiente linguístico no qual são usados, adota uma análise duplamente comparativa: entre enunciados com e sem MD, e entre enunciados com MD que integram uma mesma classe semântica. Nesse sentido, mais que funcionar como vetor de restrição inferencial, Rossari (1999, 2000) defende que, em alguns casos, o MD funciona como vetores de uma relação que não pode se manifestar independentemente de seu emprego. Por isso os MD, para ela, funcionam como “binóculos” através dos quais se tem acesso aos sentidos das relações do discurso. No entanto, não é o sentido dos MD que oferece as indicações sobre os sentidos das relações do discurso em geral, mas, ao contrário, o sentido deles oferece as indicações unicamente sobre o sentido das relações do discurso com conectores, ou seja, não há equivalência entre uma relação marcada e não marcada com esses elementos.

Vejamos um caso em que a digressão é sinalizada por um marcador (exemplo [2]) e outro em que esta relação não é sinalizada (exemplo [3]):

- [2] **A:** a ver/ cuéntenos/ ¿cómo es Bronchiales?
B: ¡ay! para veranear/ una maravilla/ Bronchiales es MUY bonito// **por cierto/** quee un tal señor/ don Ignacio Carrau/ ha escrito un libro// que es una maravilla del-de-del-del pueblo// para los bronquios aquello es// maravilloso maravilloso maravilloso// (PRESEEA, Entrevista 03, Sociolecto bajo)
- [3] **A:** yo no quiero más/ de verdad papá/ ((jamón/ ¡joo!))
C: venga va/ que si no se estropea (//)
B: ¿qué le ha caído (a) Güili/ cariño?
A: ¿¿ Güili?!
B: Güili llevaa la careta sucieta/ ¿eh?/ (//) un poquito pues ahora ya [la tienes=]
A: [es que está costipao]
B: = (//) (3) ehtá costipaete mi Güili/ tú t'has comido ya ↑ un trozo de lomo ¿eh Güili?/ lo estabas esperando/ ¡cómo hueles la carne!// ¡carnívoro!
A: ¿qué hay de postre?
B: mazapán (//)

(Corpus de Conversaciones Coloquiales, [VC.117.A.1], p. 332)

⁶⁹ Segundo Therezinha Barreto (2012), a lexicalização e a gramaticalização compartilham de muitas características, o que a leva a concluir que ambas “parecem constituir processos independentes que compartilham muitas características comuns” (BARRETO, 2012, p. 415). Por essa razão, optamos por utilizar os dois termos neste trabalho. Para mais detalhes, leia-se obra citada.

Conforme se observa, os dois fragmentos apresentados contribuem com novas informações para o contexto comunicativo. Em [2], o interlocutor cria um *link* entre tópico e subtópico através do uso do marcador digressivo *por cierto* e, a partir de então, desenvolve a nova informação de forma bastante breve. Já em [3], a perturbação da linearidade tópica não apresenta nenhum tipo de marcação, nem a nova informação é derivada do tópico em desenvolvimento. Realmente, aqui, tem-se a introdução de um parêntese no desenvolvimento linear do tópico; ou seja, desenvolve-se um assunto paralelo ao tópico em andamento, cuja entrada se inicia na fala do interlocutor B - *¿qué le ha caído (a) Güili/ cariño?* - e é encerrado pelo interlocutor A - *¿qué hay de postre?* - sem nenhum tipo de marcação e sem nem mesmo afetar o conteúdo tópico.

Nesse sentido, o que Rossari (1999, p. 191 – tradução nossa) defende é que o tipo de objeto semântico sobre o qual se apoia uma relação acessível sem marcador não é da mesma natureza da relação em que o marcador é suscetível de revelar essa mesma relação:

Se as relações não marcadas podem se ancorar sobre conteúdos, atitudes ou forças ilocucionárias, as relações marcadas são sensíveis às operações informacionais. É precisamente a sensibilidade dos conectores a estas operações [...] que fazem que inclusive os conectores reveladores e não criadores de relações tenham uma contribuição semântica que não pode ser reduzida a uma função de explicação de uma relação de coerência subjacente.

Enquanto as relações com marcadores dependem das operações informacionais provenientes do item lexical, as relações sem marcadores se apoiam em inferências. A aparição de um marcador, portanto, indica algo mais que a explicitação de uma relação de coerência: pode ser, por exemplo, uma preocupação do locutor de que os conteúdos, as atitudes ou as forças ilocucionárias em jogo no discurso não sejam suficientes para que o interlocutor infira a relação esperada, o que revela também uma preocupação da sua imagem enquanto locutor, e que veremos mais adiante.

No que diz respeito aos marcadores digressivos, Pons Bordería e Estellés (2009), contradizendo os estudos de Martín Zorraquino e Portolés (1999) e Portolés (2001), mas levando em conta a definição de Mayoral (1994) para a digressão, e indo na mesma esteira de Koch (1990) sobre esse fenômeno, afirmam que tampouco existem marcadores digressivos. A razão é que as rupturas tópicas – ou os *deslocamientos*, segundo Koch (1990) – podem até estar marcadas por um operador, mas o retorno ao tópico, que

diferencia a digressão da quebra de tópico – ou *ruptura tópica*, segundo Jubran (2015) –, não há nenhum marcador lexicalizado/gramaticalizado que sinalize esse estágio. Assim, eles propõem o termo *Marcador de Nova Informação Relevante*, que ajudam os falantes e ouvintes a organizar e planejar a informação, mesmo nos discursos não planejados. Esta organização afeta relações anafóricas, a continuidade de referentes, as mudanças nas indexações dêiticas, dentre outras situações, já que esses marcadores fornecem aos falantes e ouvintes uma poderosa ferramenta para organizar o fluxo da informação, assim como o progresso do texto.

Cortés e Camacho (2005), por outro lado, propõem outra nomenclatura: a de marcadores de relação linear desarticuladora e rearticuladora. Esses marcadores formariam parte do grupo dos marcadores interativos, cujo papel não consiste exatamente em relacionar ou articular unidades discursivas, mas em informar indiretamente as repercussões da intenção dos falantes, ou seja, encontram-se no nível do discurso, da pragmática.

Nesse sentido, os marcadores desarticuladores são também chamados de *digressores de ida*, que originam uma nova estrutura sintático-pragmática que acarreta uma mudança mais ou menos brusca no discurso prévio imediato e o subsequente abandono do tema, subtema, rema ou sub-rema já tratado (como *a propósito, por cierto, a todo esto, y hablando de e ahora que dices*). Já os rearticuladores podem ser de dois tipos. O primeiro são os *digressores de preenchimento* (em espanhol, *de relleno*), cuja característica comum é a interrupção, em geral de forma momentânea, do desenvolvimento temático, mas eles pesam mais a linearidade que a suspensão do conteúdo semântico, e porque seu objetivo e sua função destinam-se a conseguir uma reorganização discursiva mais adequada (exemplos de digressores de preenchimento: *lo diré, mmmm, buenoo, esto, pueees no sé e eeh*). O outro tipo de rearticulador são os *digressores de volta*, que se apoiam no já dito para continuar o discurso, mas, depois da apoiatura do marcador, é possível dar passagem a uma nova unidade discursiva, um novo enunciado, inclusive com um comentário diferente dentro do mesmo tema (exemplos de digressores de volta: *a lo que íbamos, volviendo a lo que hablábamos, retornando el tema e de lo que decías antes*).

Em todos os casos, esses marcadores surgem a propósito de uma eventual ruptura da fluidez temática, para restabelecê-la ou pelo fato de sua transgressão. Isso acontece porque Cortés e Camacho (2005) consideram que a coerência discursiva se dá na disposição correlativa entre enunciados e que a única exceção é a digressão. Para os

autores, as digressões ocorrem quando alguém quer introduzir ou reintroduzir um tema no diálogo ou no monólogo e ocorre uma das duas consequências (ou as duas): 1) a pessoa insiste de maneira imediata (ou relativamente imediata) na questão anterior mediante explicações metalinguísticas sobre o significado das palavras; 2) a pessoa traz esclarecimentos adicionais por motivos derivados da enunciação. Neste último caso, os esclarecimentos estão orientados, em última instância, às relações entre os falantes que podem, por exemplo, dar explicações sobre a própria dinâmica argumentativa da conversação ou desviar um conteúdo. Em ambos os casos, esse tipo de justificação revela motivos psíquicos que têm a ver com a imagem e as boas relações (CORTÉS; CAMACHO, 2005, p. 94).

Tendo em vista o exposto até o momento, faz-se necessário esclarecer o que nós entenderemos como digressão neste trabalho. A partir dos exemplos coletados nos *corpora*, concluímos que os tradicionais marcadores de digressão possuem em comum o fato de marcarem uma relação de descontinuidade do tópico e introdução de uma nova informação relevante, seja para a manutenção do tópico em subtópicos, seja sua ruptura para introdução de um novo tópico. Ou seja, estamos considerando a digressão como sinônimo de *Marcadores de Nova Informação Relevante*⁷⁰ (PONS BORDERÍA; ESTELLÉS, 2009). Nesse sentido, como Cortés e Camacho (2005) indicaram, os digressores revelam motivos relacionados com a imagem dos interlocutores, aspecto que trataremos na próxima seção.

2 Digressão e preservação da fachada

Em consonância com os dizeres de Goffman (2012 [1967]), entende-se por fachada a concepção de um valor social que os interlocutores constroem, ou tentam construir, de si mesmos e também atribuem, ou tentam atribuir, aos demais. A fachada seria a imagem ou a impressão que os interlocutores desenvolvem, por meio de expressão oral e gestual, ao longo da interação social. A fachada tende a ser preservada e isso significa dizer que, em geral, quer-se manter um valor positivo da imagem pessoal perante a sociedade, ou seja, espera-se sempre uma aprovação social dos atributos reivindicados para si no decorrer da interação.

⁷⁰ É importante esclarecer que com *relevante* nos referimos a sinais não puramente sensoriais, mas que obedecem também ao critério das expectativas geradas internamente pelo sistema de processamento, que inclui os conhecimentos armazenados em nossa memória que nos permitem, dentre outras possibilidades, reconhecer e identificar elementos socialmente compartilhados (MONTOLÍO, 1998).

A preservação da fachada é uma constante na interação mesmo quando esta não é, de fato, ameaçada. Os interlocutores, ao adotarem uma imagem, devem fazer com que seja consistente até o final e, a depender do tipo de relação que possuem, do ambiente (público ou privado, por exemplo), das intenções, entre outros fatores, podem, de fato, ter de lutar contra a ameaça de suas fachadas. Em outras relações interacionais, contudo, pode haver, de todos os lados, cooperação para a sua preservação.

Da mesma maneira que existem normas e rituais que regulam a interação, há normas e rituais que regulam a preservação da fachada. Estes se encontram ainda muito dispersos e ficam ao sabor, por exemplo, do tipo de interação estabelecida entre o grupo social em questão. Dito de outra maneira, a regulamentação da preservação da fachada é tão diversificada quanto os próprios tipos de interação existentes. Tendo em vista que a preservação corresponde a uma imagem positiva do sujeito, significa que existe, em condição *sine qua non*, o seu oposto negativo, o qual se intenciona manter silenciado. De acordo com Marchezi (2014),

[a] face negativa, ao contrário da positiva, é a face que o indivíduo não quer expor, para que sua imagem não seja distorcida. Essa face representa a revelação da intimidade do indivíduo despreocupado com a representação de um papel. Isso, geralmente, acontece em ambientes familiares, nos quais existe um conhecimento partilhado e as relações acontecem mais naturalmente. Porém, existem casos em que a exposição da face negativa acontece em ambientes menos íntimos, o que prejudica a interação, já que para consolidar e manter a harmonia da interação é preciso evitar esse tipo de comportamento (MARCHEZI, 2014, p. 31).

A autora admite, juntamente com a leitura de Brown e Levinson (1987) a partir do conceito de face/fachada de Goffman (2012), a existência de uma dicotomia: face positiva/face negativa. Conforme os apontamentos acima, o ambiente privado é mais permissivo para a manifestação da face negativa e também é lugar onde, a princípio, a intimidade entra como um fator regulador dessa relação interacional. Fora do ambiente privado, “em ambientes menos íntimos”, a exposição da face negativa ou o ataque à face positiva do interlocutor torna-se um transtorno não somente para o ofendido, mas põe em jogo toda a interação verbal até então estabelecida.

Para Goffman (2012), os processos de preservação da fachada podem ser de dois tipos: processo de evitação e processo corretivo. Enquanto o primeiro consiste em um processo individual, o segundo é uma exposição de um, ou mesmo alguns, interlocutor(es) perante os demais. Como os próprios nomes sugerem, o processo de evitação visa à preservação da fachada por meio da evitação da exposição de temas

potencialmente ameaçadores à construção de valores que, estrategicamente, adota em seu discurso. Quando, no entanto, a ameaça não pode ser evitada e a exposição torna-se um fato, recorre-se ao processo corretivo, no qual o interlocutor tenta apagar ou minimizar os ataques a ele conferidos.

Ao considerar que a construção da interação não se dá, necessariamente, de forma linear – e, em especial, na interação oral grupal –, admite-se que determinadas perturbações na comunicação são aceitáveis e não colocam em risco o objetivo comunicativo e interacional. Apesar de não prejudicar o todo comunicativo – objetivo final da interação –, quando um dos interlocutores promove a perturbação de um tópico discursivo, de que maneira cada um dos indivíduos opera para a manutenção de suas fachadas e das dos demais? Indo mais além, que linha se adota para a preservação da fachada ante perturbações em tópicos da interação? A preservação da fachada é inerente à interação comunicativa, sendo desta não o seu objetivo final, mas sim uma necessidade para que se concretize a própria comunicação (GOFFMAN, 2012, p. 19).

Isto posto, passa-se à observação e análise da digressão com marcadores em textos orais, a qual deve ser entendida como um elemento de descontinuidade do tópico conversacional. A depender das estratégias de preservação de fachada adotadas, a digressão pode ser vista como um potencial ameaçador às imagens que são construídas ao longo da interação oral.

Vejamos o seguinte exemplo:

- [4] 8 B: *tía* ¿qué va! si he i(do) un mo- he ido un momento a ahí yy he visto a E.↑ / que se iba
 9 a clase de no sé qué→ porque tenía- no había entregao un traabajo, o algo así
 10 A: ¿qué trabajo no había entregao?
 11 B: ¡ay! no sé, noo sé/ ni de qué asignatura era
 12 A: no sería de historia y cultura↑ que no ha entregao↑
 13 B: ¡hombre! por cierto↓ tú tampoco lo has entregao↑
 14 A: tú tampoco, ¡tía!§
 15 B: § ya, [porq-]
 16 A: [¡TÚ] TAMPOCO! porquee/// [como no t' has=]
 17 B: [¡tía! pero yo ya-]
 18 A: = pelao clases ni ná↑(da)§
 19 B: § pero tú no has apareci(d)o↑ por clase ni ná(da)
 20 A: ¡hombre! aparecer↑ aparecer↑ la verdad e(h) que↑ no he apareci(d)o↓ / ((^oporquee^o)
 21)) ¡TÚ TAMPOCO!
 22 B: ¡más que tú!
 23 A: ¡pocas veces más!§
 24 B: § ¡tía! te tengo que- que pasar↑ yo a veces los apuntes→
 25 A: ¡hombre! algunas veces me los has pasao↑ pero también N. me los ha pasao↓ ¿a qué sí N.?

- 27 C: sí
 28 B: ¿pero→ de qué vas? si N. ↑ / ¡puff! / N. pasa siempre de dejar los apuntes↓ a la clas- a
 29 la gente↓ / tía↑ para pasar los apun- unos apuntes a limpio↑ / se tira hooras y hooras↓ y
 30 días y días→/// te lo juro↓ / ¡hombre! hay a veces que- me tiene que pasar↑ los apuntes del jueves de la semana pasada↓ / yy a pasao mogollón↓ / HA PASAO DE
 32 PASARLOS/ ¡mira!
 33 A: ¡anda! / valga la redundancia↓
 34 B: [(RISAS)]
 35 A: [(RISAS)]
 36 B: es que siempre↑ / se descojona↑ pero a mí no me hace ni puñetera gracia↓ porque
 37 yo quiero hacerme resúmenes↑ / y [si estuviera la semana (())]
 38 A: [¿t' estás descojonando de nosotros?]//// pero ¡coño! N.↓
 39 / ¡contesta!/// (3")
 40 B: se le ha comido la lengua el gato→
 41 C: °(no jodas// no jodas)°/// (3")
 42 B: nada tía→ / es que está la- tía esta↑ y le da palo hablar delante de ella↓
 43 A: pues ya le vale [tía→]
 44 C: [pero] ¿eres tonta?
 45 B: ¿por qué? / ¡tú eres gilipolla↑!
 46 A: [y ¡cómo=]
 47 B: [(())]
 48 A: = os habéis pasao! ¡ya os vale! / no os insultéis que es pecao!§
 49 B: § [(RISAS)]
 50 C: § [(RISAS)]
 51 B: ¡mira qué pinta de labraor↓ tiene!
 52 A: la verdad↑ es que sí§
 53 C: § °(mogollón)°§
 54 A: § y con el chándal↑ / susio dee-↑ / de barro que
 55 lleva↑
 56 C: (RISAS)
 57 B: tía↓ puees↑ ¿qué te iba a decir? / E. me ha dicho↑ / que tenía clase de no sé qué↓ /
 58 que su padre le daba-↑ / le daba folios↑ / que si necesitáramos folios↑ quee
 59 C: viene mogollón↓ al cuentoo

(Corpus Val.Es.Co, documento 174 A1)

O fragmento apresentado confere um exemplo de introdução de uma digressão no discurso a partir da sinalização com o marcador *por cierto*. Conforme se observa, o tema perturbador da linearidade discursiva está essencialmente relacionado com o tópico conversacional e, sendo assim, trata-se de um subtópico introduzido momentânea e pontualmente. Na interação conversacional, participam três interlocutores: A, B e C. A digressão é introduzida pelo interlocutor B e causa uma tensão entre este e o interlocutor A. Dessa forma, estabelece-se, aqui, uma disputa pela salvação da fachada destes. Como se pode observar nas linhas 25 a 29, o interlocutor C prefere adotar uma postura neutra, mantendo-se distante dos ataques de A e B, saindo de cena e resguardando a sua fachada. Sua estratégia, ao se abster da discussão, é lançar mão do processo de

evitação e só entrar na conversa quando A e B o provocam e ameaçam insistentemente sua fachada neutra.

O interlocutor C, que corresponde a N., é chamado nominalmente, por diversas vezes, a entrar nas discussões que travam A e B; no entanto, C não cede facilmente às provocações à sua fachada e continua a manter a sua linha neutra, sem embates. As provocações, contudo, não cessam, conforme as linhas 38 a 41. Nesse intervalo, o interlocutor C tenta mudar sua estratégia: suas poucas ou nenhuma palavra agora dão lugar a uma linguagem mais íntima ou tom semelhante ao de seus ofensores.

Ainda que se manifeste em tom bem mais baixo, quase que sussurrando, C adota uma linguagem mais agressiva, o que denota que cedeu ou está cedendo às provocações de seus interlocutores e que, provavelmente, abrirá mão do processo de evitação para defender de forma mais veemente a sua fachada. As ofensivas, por parte de C, iniciam-se em direção à fachada de B e tornam-se uma recíproca entre estes interlocutores (vide linhas 44 e 45).

Os xingamentos, escárnios e risadas passam a ser constantes entre os três interlocutores e só têm fim ao fechamento definitivo do tópico digressivo, quando voltam a falar de E. O fim da digressão e recuperação do tópico anterior está marcado pela estrutura interrogativa *¿qué te iba a decir?*, conforme linhas 57 e 58.

Dessa forma, o início e o fim da descontinuidade da interação recebem uma marcação nesta conversa (*por cierto* e *¿qué te iba a decir?*, respectivamente), e, além disso, o elemento de descontinuidade é introduzido pelo mesmo interlocutor. No que tange às fachadas dos participantes, observa-se que B tem um papel de destaque: em primeiro lugar, este interlocutor é quem dá as cartas para a abertura de uma digressão na conversa; em segundo lugar, a digressão ameaça diretamente a fachada de A; ainda, a ameaça que B lança a A, apesar de ser aplicável, recai sobre ele também, dado que sua acusação aponta a mesma falta de compromisso que critica em seu interlocutor, e agora oponente, A.

A postura de C é bastante defensiva no início do desdobramento do tópico digressivo. Primeiramente, decide continuar com a preservação de sua fachada através do processo de evitação e tendo como estratégia fundamental o silêncio. O interlocutor C, em nenhum momento, tenta opinar ou defender a fachada de seus interlocutores. Provavelmente, quando A e B notam sua estratégia, C passa a ser vítima de ataques à sua fachada e tenta manter a mesma linha que vinha assumindo: o silêncio. Porém, C cede à pressão de seus interlocutores e defende sua fachada, ora ofendendo seus

interlocutores, ora caindo em tom íntimo ou de escárnio para devolver as respostas a eles.

Nesse documento [4] (que inclui [4a] a [4e]), a marcação da digressão é importante para delimitar essa encenação provocada pela descontinuidade do tópico. Em outras palavras, B insere um subtópico que desencadeia um jogo de ameaças e preservações de fachadas e que não aconteceria necessariamente se fosse mantido o tópico conversacional. Nesse sentido, *por cierto* não leva os interlocutores a se apoiarem sobre inferências a partir de conteúdos, atitudes ou forças ilocucionárias, nos termos tratados por Rossari (1999), da descontinuidade tópica. O que este item lexical faz é, de fato, guiar os interlocutores a uma operação informacional proveniente do próprio marcador, isto é, a informação que se segue não desenvolve o tópico da conversação, mas o mantém introduzindo uma informação nova relevante parentética que, no caso citado, se presta a atenuar uma possível inferência de repreensão. Então, provavelmente, sem o aviso prévio da digressão com *por cierto*, B potencializaria os riscos de distorcer sua imagem levando à exposição de sua face negativa como moralista. No entanto, é exatamente essa a imagem que A constrói de seu interlocutor, daí que a evitação não se consolida e A acusa B com o mesmo argumento.

Passemos à análise de [5]:

- [5] 56 B:§ [(RISAS)]
 57 D: [(RISAS)] y una mier- (RISAS) y la MIERda que hay
 58 B: ° (hablando de mierda/ hay alguien cagando ahí)°
 59 A: seguro (5")
 60 B: ¿esto es un parque natural ↑ nano?§
 61 ?:§ jno [te jode!]

(BRIZ, 2002, p. 51)

No fragmento selecionado, a construção *hablando de* cumpre a mesma função dos marcadores introdutórios de digressão analisados neste estudo e aparecerá de forma sistemática nos documentos em análise. Em nota de rodapé, Briz (2002, p. 51) esclarece o contexto em que ocorre a digressão, já que os elementos linguísticos, por si sós, não dão conta de apresentar a situação aos leitores. Diz a nota referida à linha 58: "*Alusión a algunos paseantes próximos al lugar en que se desarrolla la conversación*". A digressão aqui tratada se faz de forma bastante breve e é desencadeada pela recuperação de um elemento linguístico citado previamente: o termo *mierda*. Contudo, esse termo, quando citado pelo interlocutor D, não é o mesmo elemento que recupera B, na linha 58. Para D, *mierda* foi empregado em seu sentido figurado, ao passo que B o coloca em seu sentido

literal, em tom de voz baixo para atacar a fachada de pessoas que não participavam da interação e que não teriam, portanto, a oportunidade de preservar suas fachadas.

O ataque proferido por B é endossado por A. Na situação observada, não é possível conhecer o posicionamento dos interlocutores C e D, talvez porque a digressão tenha sido muito breve, não oferecendo tempo hábil para que eles se expressassem. Observe-se que é o próprio interlocutor B quem fecha, sem nenhuma marcação, a digressão que ele introduzira. No fragmento que se destaca para análise, o interlocutor B cumpre alguns papéis muito relevantes: 1) é o introdutor da digressão; 2) para introduzir a digressão, toma um termo proferido de forma não literal e o emprega em sua forma literal; 3) a digressão é proferida em tom baixo, quase um sussurro, o que pode significar que a intenção era atacar a fachada de outros sem oportunizar a sua defesa; 4) provavelmente a digressão tinha por objetivo manter o tom jocoso entre os interlocutores envolvidos; 5) o interlocutor B finaliza a digressão e passa a outro tópico (novo tópico e não ao anterior) rapidamente, o que sugere uma mudança de estratégia para proteger sua fachada – ou seja, poderia ser construída uma imagem sua de intolerante, preconceituoso ou, no mínimo, chato e inconveniente; 6) ainda se pode sugerir que a descontinuidade discursiva causada por B não obteve o efeito desejado (riso, por exemplo).

O digressor de ida *hablando de* (cf. CORTÉS; CAMACHO, 2005), nesse contexto, marca a mudança da apreensão semântica do termo *mierda* e introduz um subtópico que, se não viesse marcado, poderia levar à criação de uma imagem de B como uma pessoa desatenta, pois interpretaria *mierda* apenas no sentido literal. Por outro lado, ao salvar sua fachada enquanto desatento com *hablando de*, ele não alcança o provável objetivo de manter o tom jocoso que estava se desenvolvendo na interação, ou, pior, rompe com os risos e deixa vulnerável uma possível face negativa sua de preconceituoso.

O próximo fragmento apresenta duas digressões que se fazem também a partir da construção *hablando de*. No diálogo a seguir, apresentam-se três interlocutores e, a princípio, apenas L e E interagem na seção digressiva da conversa:

- [6a] 310 E: *es que quiero ir con la gente de literatura/ con Ana y esta*
 311 *gente// ¿sabes?/ paraa// tener lo mismo/ ¿mm? §*
 312 L: *§ mm*
 313 E: *y hablando de temas ((tú sabes lo que habrá?)) ¿eh?/// habrá*
 314 *de literatura o de lengua ¿no?*
 315 L: *° (no sé) °*

Conforme se nota, o termo desencadeador da proposta digressiva, introduzida por

E e comprada prontamente por L, é *literatura*. Note-se, ainda, que já ao início da digressão marcada, segue uma nova digressão, não marcada linguisticamente, mas marcada foneticamente: “((*tú sabes lo que habrá?*))” é uma oração realizada ou em tom mais baixo, quase como um sussurro, ou de forma rápida. Essa atitude não deve passar despercebida, já que pode estar diretamente relacionada com a fachada de E. Ao propor a digressão e a ela emendar a oração duvidosa (vide Introdução deste trabalho), E direciona completamente o discurso digressivo a L ao marcar a flexão verbal em segunda pessoa e, além disso, ao inserir o pronome de segunda pessoa em um contexto não ambíguo. Nesse sentido, sugere-se que *tú* não implica apenas uma mera redundância discursiva, e sim que torna exclusivo o direcionamento de sua questão, ainda que sem lançar ameaças às fachadas de outros interlocutores. Por sua vez, G parece aceitar sua posição mais passiva enquanto a conversa segue somente entre L e E. Pouco tempo depois, G entra ativamente na conversa ainda no desdobramento do tópico digressivo. Sua participação ativa se reinicia em:

- [6b] 328 G: *que si la has leído o no la has leído*

A partir da entrada de G na interação, o tópico segue com vários desdobramentos e evolui sem que haja uma marcação linguística para encerrar a digressão proposta por E. Dessa forma, o tema *literatura*, aos poucos, vai sendo substituído por outros tópicos e subtópicos. Mais adiante, uma nova digressão é introduzida marcadamente na conversa:

- [6c] 1245 G: *[tú sabes-] mira ↓ yo tengo un vecino que*
 1246 *bueno o sea// ° (hablando dee otro tema↓ que te he cortao*
 1247 *otra vez) ° §*
 1248 E: *§ yaa/ tranquilo §*

No fragmento em questão, a digressão é introduzida por G de forma multiplamente marcada: em primeiro lugar, G usa o enfocador da alteridade⁷¹ *mira* (MARTÍN ZORRAQUINO; PORTOLÉS, 1999), além do abaixamento entonativo; em segundo lugar, a estrutura *hablando de* marca lexicalmente a digressão e, em terceiro lugar, G demonstra uma veemente preocupação com a sua fachada ao expressar “*que te he cortao otra vez*”. Ao dirigir esse enunciado a E, G antecipa a preservação de sua fachada ou minimiza um suposto ataque por parte de seu interlocutor. Dessa forma, G, por meio do processo

⁷¹ Para Martín Zorraquino e Portolés (1999, p. 4171-4172), os *enfocadores de la alteridad* indicam acordo com o interlocutor, expressam estratégias de cooperação entre os participantes na conversação e, com frequência, são indicadores da cortesia verbal.

corretivo antecipado, é capaz de transformar um possível ataque em uma aceitação quase que obrigatória. Sendo assim, o processo corretivo não passa necessariamente pela sequência proposta por Goffman (2012, p. 29):

As fases do processo corretivo – desafio, oferta, aceitação e agradecimento – nos dão um modelo do comportamento ritual interpessoal, mas esse modelo pode ser modificado de forma significativa. Por exemplo, as partes ofendidas podem dar ao ofensor uma chance de iniciar a oferta imediatamente, antes de fazer um desafio e antes que elas ratifiquem a ofensa como um incidente. Esta é uma cortesia comum, concedida baseada na suposição de que seu receptor iniciará um autodesafio. Além disso, quando as pessoas ofendidas aceitam a oferta corretora, o ofensor pode suspeitar que isto foi feito por educação, ou seja, de má vontade, e por isso pode apresentar espontaneamente ofertas corretivas adicionais, não esquecendo do assunto até receber uma segunda ou terceira aceitação de sua desculpa repetida. Ou as pessoas ofendidas podem educadamente assumir o papel do ofensor e apresentar desculpas para ele que serão, forçosamente, aceitáveis para as pessoas ofendidas. (GOFFMAN, 2012, p. 29).

De acordo com o próprio autor, o modelo apresentado não é um esquema obrigatório e é passível de ser modificado. No exemplo em análise, podem-se identificar várias formas de cortesia do interlocutor que fora interrompido em seu raciocínio ao conceder, e não disputar, espaço com seu interlocutor. Este, contudo, é consciente do processo de interação em desenvolvimento e oferece, imediata e antecipadamente, suas desculpas, criando uma atmosfera interacional que dialoga com os dizeres de Goffman (2012) acima descritos.

Ao longo da interação digressiva, G e E dominam os atos discursivos, enquanto L se mantém à margem destes por alguns momentos. De fato, L somente volta a interagir, de forma efetiva, na linha 1274, com os dizeres:

[6d] 1274 L: [pues ¡vaya tela!]⁷²

A pequena intervenção de L é bastante significativa, dado que demonstra que havia seguido a interação que se havia fechado entre os demais interlocutores. Desse ponto em diante, o diálogo entre os interlocutores evolui para outros tópicos e subtópicos sem marcações para finalizar a digressão que havia sido introduzida por G.

O fragmento [6], de forma geral, apresenta um exemplo de marcação de digressão que resguarda a fachada de um locutor que poderia ser interpretado como mal-educado que interrompe grosseiramente o fio discursivo da conversação. Por outro lado, não há um retorno ao tópico desenvolvido anteriormente, o que indica que houve um acordo

⁷² Na Espanha, a interjeição ¡vaya tela! é usada para indicar assombro, como também ¡madre mía!.

tácito entre os interlocutores.

Passemos às considerações referentes ao exemplo [7].

[7a] 524 S: [¡qué vaa!// ¿sal
525 do?]
526 V: OYE/ oye por cierto↓ no estaría mal ¿a vosotros os dejan algu-
527 na veez/ de solteros↑ [por ahí?]
528 A: [OYE/ oye↓ ¿a que en Tuéjar noo ha-
529 cen-no [hace (())]
530 V: [si os dejan de solteros↑]// [¡Ángel!]
531 A: [¿pero tú qu'] [estás (())]
532 J: por que
533: bodega// (()) que compres tres barrillitos tuyos y los (())

(BRIZ, 2002, p. 180-181)

No fragmento apresentado, a digressão vem marcada por três elementos: os marcadores *oye*⁷³ e *por cierto* e por um abaixamento entonativo; no entanto, o termo que dá margem à digressão não se apresenta de forma tão explícita. O tópico *bebidas* antecede a digressão, porém esta não estabelece uma relação direta com o tópico. Subentende-se, assim, que V, ao questionar se os interlocutores poderiam sair como *solteros*, faz, na verdade, um convite para sair sem as respectivas namoradas/esposas. No entanto, os demais interlocutores continuam desenvolvendo o mesmo tópico sem entrar no jogo digressivo proposto por V.

Note-se que V, ao propor uma interação paralela, formula uma questão que não exclui nenhum de seus interlocutores e isso está claramente marcado com o uso do pronome *vosotros*. Além do mais, o questionamento levantado por V é um tipo de pergunta que exige respostas simples; apenas *sim* ou *não*. Por se perceber ignorado, V, na linha 530, insiste em desenvolver o seu tópico digressivo, mantendo firme a sua fachada e chamando, nominalmente, um dos interlocutores para se posicionar. Parece que seu interlocutor nomeado está dividido entre a conversa antecedente com os demais interlocutores e somente consegue dar conta de responder a V quando chamado pela segunda vez:

[7b] 539 V: Ángel/ si a estos los dejan de solteros →/pues vamos a hacer
540 una timba allí, algún día
541 S: estos que se jodan (RISAS) // oye ¿cómo va la vida?
542 V: pero no los dejarían
543 G: bien/ yoo/ como tengo noticias [tuyas=]

(BRIZ, 2002, p. 181)

⁷³ Oye, assim como *mira*, é um enfocador da alteridade.

Desta vez, Ángel, que na transcrição corresponde a S, decide estabelecer uma interação com V, porém, de uma forma bastante breve. Além disso, S parece não se encantar pelo tema proposto por V, o que sugere que sua opinião sobre os demais interlocutores presentes poderia colocar em risco a sua própria fachada. Nesse sentido, S lança mão da estratégia do desinteresse pelo subtópico para sair da situação ao enunciar “*estos que se jodan*” seguidamente de risos. Aliado a este fato, também encontra-se que S deseja sair rapidamente da situação, e assim, salvar sua fachada, já que, dirigindo-se a G, lança-lhe uma pergunta para iniciar, somente com o novo interlocutor, um diálogo paralelo. O assentimento de G, ao responder prontamente a questão de S, sugere que este tenha se dado conta de algum perigo que ameaçava a fachada de seu interlocutor e, solidariamente, embarca em um diálogo exclusivo com ele.

Por sua vez, V não insiste mais em seu tópico digressivo e fica, por um certo tempo, sem participação ativa na interação. A conversa evoluiu para outros tópicos e subtópicos, e a proposta digressiva de V sobre sair como solteiros algum dia não é comprada pelos demais. Além disso, poder-se-ia considerar que S, na linha 541, é quem encerra o tema de V ao iniciar um diálogo exclusivo com G, tirando seu antigo interlocutor de cena por algum tempo. Isso porque a intervenção de V poderia ter sido interpretada como um potencial revelador da fachada negativa dos interlocutores, e a atitude de S cumpre um papel parecido a uma penitência.

O fragmento [8], utilizando uma variação da estrutura *hablando de*, constrói um tipo de digressão “guiada”, ou seja, não motivada pelo tópico conversacional natural, mas sim uma interrupção proposital cuja finalidade é encerrar um tópico e iniciar outro. Veja-se:

- [8] 380 A: *no tiene mucho interés, si no vuelve a llamar*
 381 D: *oye y hablando un poco de todo/ hablamos ahora si os parece de*
 382 *la enseñanza ya que todos somos de la profesión y así (l)*
 383 C: *¡ay no nos deprimas! ¡con lo divertido que es esto!*
 384 D: *¿no? [(RISAS)]*
 385 A: *[(RISAS)]*
 386 B: *[(RISAS)]*
 387 C: *bueno venga os cuento una cosa divertida que me ha pasado esta*
 388 *mañana en clase*

(BRIZ, 2002, p. 359-360)

O tópico antecedente à digressão era sobre comunicação, mais especificamente, o tema tratava de telefonia e internet. Após o discurso proferido por A, o interlocutor D dá por encerrado o tópico em discussão e propõe abertamente a substituição por um novo tópico. Sendo assim, não é possível recuperar a motivação antecedente que justifique a introdução do novo tópico. Mais do que isso, poder-se-ia colocar em xeque o próprio

entendimento de digressão que vinha se consolidando com os exemplos até aqui apresentados.

Em primeiro lugar, deve-se recordar que a digressão vinha sendo motivada por algum elemento enunciado abertamente ou recuperado/subentendido pelo contexto. No entanto, e apesar do emprego de uma estrutura (*hablando de*) que vinha servindo muito bem para introduzir descontinuidades discursivas, o interlocutor D força o fim de um tópico discursivo de forma marcada e o substitui por outro que, a princípio, não compartilha com o anterior nenhum tipo de relação, pelo menos não recuperável pelo contexto.

Não se pode deixar de aventar, para este exemplo, a hipótese de que aqui se trata mais do que uma mera introdução digressiva; tem-se uma manipulação do tópico discursivo. De alguma maneira, o interlocutor D demonstra ter o poder e a(s) estratégia(s) para, deliberadamente, ditar o novo tópico. Note-se, contudo, que D utiliza estratégias de cortesia e justifica seu ato perante os demais participantes. Primeiramente, D introduz uma estrutura, “*hablando un poco de todo*”, para sinalizar aos demais interlocutores de sua decisão pelo rompimento da linearidade. Em segundo lugar, D lança mão de uma estrutura de cortesia para conseguir o consentimento tácito ao enunciar “*si os parece*”. E, finalmente, pontua a justificativa que legitima o seu ato: “*ya que somos todos de la profesión*”. Claramente, toda a construção discursiva de D denota cautela e visa à preservação de sua fachada.

Mesmo assim, alguma resistência lhe é imposta, ainda que em forma de ironia, por outro interlocutor. Observe que C, na linha 383, reage não à interrupção do tópico que se desenvolvia, mas sim à nova proposta de tópico que quer introduzir D. Seu discurso extremamente irônico provoca o riso em todos os interlocutores e, provavelmente, essa era a sua estratégia. A ironia discursiva de C pode ter preparado um terreno mais descontraído para o desenvolvimento do tópico proposto por D. Note-se que, logo após os risos dos interlocutores, C prontamente acolhe o discurso de D e começa a desenvolver o novo tópico discursivo. A primeira negativa de C, ainda que irônica, pode ter dado margem a interpretações negativas sobre sua fachada, como, por exemplo, falta de colaboração na construção da interação. Por isso, a iniciativa de C em tomar a frente no desenvolvimento tópico pode ser uma estratégia para um processo corretivo na salvação de sua fachada. À iniciativa de C segue-se a colaboração dos demais interlocutores e o tópico discursivo evolui para outros subtópicos sem marcações específicas.

Como se pode observar nos fragmentos [4] a [8], os ditos marcadores digressivos

têm diferentes funções comunicativas ao marcarem uma relação de descontinuidade do tópico. A introdução da nova informação ora mantém o tópico da conversação em forma de subtópicos, ora o rompe para introduzir um novo tópico. De toda forma, o que importa em nossa análise é observar que a descontinuidade tópica marcada por um item lexical tem o intuito de balizar não apenas o conteúdo dos tópicos e subtópicos, mas também a construção das imagens dos (inter)locutores.

3 Considerações finais

Tendo em vista que os *corpora* analisados neste trabalho são de interação grupal, fica claro que a utilização de marcadores digressivos revela motivos psíquicos que têm a ver com a imagem e as boas relações, como afirmam Cortés e Camacho (2005). Nesse sentido, observa-se que, em espanhol, a maioria das digressões está marcada por *hablando de e por cierto*, sendo que o primeiro não consta nas principais obras de referência da língua, talvez por não estar lexicalizado/gramaticalizado.

Os digressores mostraram-se, nos fragmentos analisados, uma importante estratégia para evitar a exposição de faces negativas, principalmente a de si, pois sinalizam lexicalmente a descontinuidade do tópico e minimizam a construção de imagens de moralista, mal-educado(a), impertinente, não cooperativo com a conversação etc. Dizemos “minimizar” porque, como vimos em [4], a digressão, mesmo marcada, não foi capaz de evitar o conflito entre os interlocutores, nem de expor as faces negativas de suas imagens. Algo parecido acontece em [7], já que a digressão não é comprada por nenhum dos interlocutores.

Dessa forma, as descontinuidades tópicas, tanto as marcadas como as não marcadas, funcionam como possibilidades na construção de sentidos na interação linguageira. Como diria Wittgenstein (1996) a respeito dos jogos de linguagem, ou seja, do “conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (WITTGENSTEIN, 1996, p. 30), representar uma linguagem “significa representar-se uma forma de vida” (idem, p. 31). Nada é tão fixo que não se possa criar e representar no momento da enunciação. A face/fachada é apenas um exemplo, e as digressões são uma das ferramentas de construção dessa *mise-en-scène*.

Referências

BARRETO, Therezinha. Lexicalização e gramaticalização: processos independentes ou complementares? In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S. (orgs). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 407-416. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-30.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

BRIZ, A. (org.). *Corpus de Conversaciones Coloquiales*. Madrid: Arco/Libros, 2002.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. Politeness: some universals in language usage. In: *Studies in Interactional Sociolinguistics*. Cambridge University Press: 1987. Vol. 4.

CORPUS VAL.ES.CO. Disponível em: <<https://www.uv.es/corpusvalesco/consulta.html>>. Acesso em: 10 out 2017.

CORTÉS, Luis; CAMACHO, M^a Matilde. *Unidades de segmentación y marcadores del discurso*. Madrid: Arco/Libros, 2005.

GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada – Uma análise dos elementos rituais na interação social. In: GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2012.

JUBRAN, Clélia Spinardi. Tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia Spinard (Org.). *Gramática do português falado no Brasil – volume I*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 85-126.

MARCHEZI, Natália Muniz. *A manipulação do tópico discursivo como estratégia de preservação de face*. 2014. 89p. Dissertação. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2014.

MARTÍN ZORRAQUINO, María Antonia; PORTOLÉS, José. Los marcadores del discurso. In: BOSQUE MUÑOZ, I.; DEMONTE BARRETO, V. (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española - Tomo III*. Madrid: Espasa, 1999. p. 4051- 4213.

MAYORAL, José Antonio. *Figuras Retóricas*. Madrid: Síntesis, 1994.

MONTOLÍO, Estrella. La Teoría de la Relevancia y el estudio de los marcadores discursivos. In: MARTÍN ZORRAQUINO, M^a A.; MONTOLÍO DURÁN, Estrella (coord.). *Los marcadores del discurso: teoría y análisis*. Madrid: Arco Libros, 1998. p. 93-119.

PONS BORDERÍA, Salvador; ESTELLÉS, Maria. Expressing digression linguistically: Do digressive markers exist?. *Journal of Pragmatics*. V. 41. p. 921-936, 2009.

PORTOLÉS, José. *Marcadores del discurso*. Barcelona: Editorial Ariel, 2001. (2^a edición ampliada y actualizada).

ROSSARI, Corinne. Les relations de discours avec ou sans connecteurs. In: *Cahiers de Linguistique Française*, n. 21, 1999. p. 181-192.

ROSSARI, Corinne. *Connecteurs et relations de discours*: des liens entre cognition et signification. Nancy: Press Universtaires de Nancy, 2000.

SCHIFFRIN, Deborah. *Discourse markers*. Cambridge University Press, 1987.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 1996.

10. Sobre o potencial semântico-pragmático das *hashtags*

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira
Marisa Mendonça Carneiro

1 Uma visão geral dos gêneros textuais no domínio digital

O gênero textual é um componente importante da estrutura comunicativa humana, pois ele se constitui e é constitutivo das relações de poder, bem como das formas de organização social e cultural (MILLER, 1994). A motivação para a emergência de um gênero origina-se nas atividades cotidianas, como convidar, informar, anunciar, comentar, pedir, que ocorrem por meio de engajamentos mútuos, consubstanciados pela via do compartilhamento de modos específicos de comunicação.

O meio eletrônico contém várias peculiaridades relativas ao compartilhamento de usos sociais, culturais e comunicativos, quase sempre bastante diferentes daqueles promovidos pelas relações interpessoais face a face (MARCUSCHI, 2012). Na comunicação digital (CD), a construção dos parâmetros dos gêneros textuais emergentes ocorre em combinação com a fala, manifestando um hibridismo acentuado e peculiar. Com respeito a essa característica, Halliday (1978), já defendia a reconstrução da oposição entre fala e escrita, motivada pelos textos digitais. Para ele, esse advento influenciou a comunicação humana tanto quanto o surgimento da imprensa, com tipos móveis, modificou o mundo a partir do século XV.

As formas de escrita digital, tais como os *e-mails*, *tweets* e os *bate-papos virtuais* reproduzem estratégias da língua falada. Uma dessas estratégias é a produção de enunciados mais curtos e com menor índice de nominalizações por cláusula. Isso propicia, no dizer de Halliday (1978, p.356), uma escrita mais íntima e mais próxima da fala. Por outro lado, Halliday (1978) também chama atenção para o fato de que a comunicação virtual não neutraliza as diferenças entre fala e escrita. Para o autor, ao contrário, elas suscitam a criação de certas condições para a maior “integração” dos outros modos de comunicação social, o que inclui, entre outras características, o emprego de mais material não verbal na escrita (HALLIDAY 1978, p.358).

Ainda sobre as características dos textos pertencentes ao domínio digital, na obra *Linguagem e a Internet*, Crystal (2001) discute três aspectos considerados por ele